

# 03

## **PERSPECTIVAS FEMINISTAS E QUEER PARA A PESQUISA EM HUMANIDADES: DIÁLOGOS EPISTEMOLÓGICOS E INTERDISCIPLINARES ENTRE DONNA HARAWAY E PAUL PRECIADO**

**FEMINIST AND QUEER PERSPECTIVES FOR  
HUMANITIES RESEARCH: EPISTEMOLOGICAL  
AND INTERDISCIPLINARY DIALOGUES BETWEEN  
DONNA HARAWAY AND PAUL PRECIADO**

**Maurício João Vieira Filho**

*Mestre em Comunicação Social (UFMG)*

*Doutorando em Comunicação (UFJF)*

*E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com*

**Ítalo Vinícius Gonçalves**

*Mestre em Comunicação Social (UFMG)*

*doutorando em Teoria Literária (UFMG)*

*E-mail: italovinicius@rocketmail.com*

## Resumo

Donna Haraway e Paul Preciado, de modo insurgente, se lançam frente às incertezas a fim de perceber os limites científicos tidos como universais, para a amplificação de saberes silenciados, mas também para tentar contrapor as centralidades de onde se pode enunciar. Neste artigo, objetiva-se tecer percepções e aproximações entre Donna Haraway e Paul Preciado para refletir possibilidades epistemológicas ancoradas em bases feministas e queer na pesquisa desenvolvida nas humanidades. Essa articulação é um ato de compreensão das políticas de conhecimento propostas no debate filosófico e de união interdisciplinar. Com o quadro epistemológico levantado, formam-se perspectivas e orientações para elaboração de problemas de pesquisas e formas de construir conhecimentos no campo científico das humanidades.

**Palavras-chave:** Epistemologia. Donna Haraway. Paul Preciado. Pensamento feminista e queer. Humanidades.

## Abstract

Donna Haraway and Paul Preciado, in an insurgent way, launch themselves in the face of uncertainties in order to perceive the scientific limits considered universal, to amplify silenced knowledges, but also to try to counter the centralities from which one can enunciate. The aim of this

article is to weave perceptions and approximations between Donna Haraway and Paul Preciado in order to reflect on epistemological possibilities anchored in feminist and queer bases in research developed in the humanities. This articulation is a gesture of understanding the politics of knowledge proposed in the philosophical debate and of interdisciplinary union. This epistemological framework provides perspectives and guidelines for developing research problems and ways of constructing knowledge in the scientific field of the humanities.

**Keywords:** Epistemology. Donna Haraway. Paul Preciado. Feminist and queer thought. Humanities.

## **Introdução**

Por muito tempo, acreditava-se que a universalidade da ciência era suficiente para apreender tudo e todos. Essa unicidade conduzida pela razão bastaria para que as investigações científicas fossem guiadas com métodos e teorias cristalizados em cânones, cujo propósito final seria apreender um objeto em sua totalidade. A tradição da ciência ocidental e moderna, que se estabeleceu sob a égide da neutralidade, não dá conta da heterogeneidade, da multiplicidade e das diferenças que emergem socialmente. Nesse sentido, questões políticas e filosóficas surgem

no campo científico, a partir de autoras e autores críticos cujas incertezas se direcionam para a percepção dos limites científicos tidos como universais, para a amplificação de saberes silenciados, mas também para tentar contrapor as centralidades de onde e sobre o que se pode abordar.

A epistemologia, enquanto processos filosóficos que se debruçam sobre a construção do conhecimento (Steup; Neta, 2020), deve desconfiar das estabilidades. O conhecimento está em movimento, é dinâmico, como Michel Foucault (2008) explica na *Arqueologia do saber*, ao propor a identificação de obstáculos e a promoção de rupturas no que parece consolidado. Essa inquietação remete à escavação das camadas de conhecimentos solidificadas para consagração de determinados discursos, a fim de entender como as cristalizações aconteceram e, assim, reconstituir a cena da construção dos saberes (Foucault, 2008). Olhar o mundo, pela proposta foucaultiana, significa honrar as descontinuidades históricas, cujas condições de existência possibilitaram aquilo que chamamos hoje de social, bem como a forma de nossos pertencimentos a tais materialidades. A historicidade daquilo que parecia estável permite notar que não é. Em outras palavras, trata-se de construções sociais por meio das quais, ao mirarmos o passado, temos um ato para (re)pensar o agora. Com desconfianças em vista, motivados por questionamentos

do contexto sócio-histórico-político no qual estamos, e buscando aproximar pensamentos que permitem rupturas nos saberes científicos, neste artigo, duas perspectivas filosóficas se apresentam pujantes e inquietantes nos processos éticos, políticos e filosóficos do conhecimento: *Donna Haraway e Paul Preciado*.

Bióloga e filósofa, as bases da formação acadêmica de Donna Haraway nos convidam para discussões críticas em relação à ciência. Influenciada pelas manifestações da organização *Take Back The Night*<sup>1</sup>, na década de 1970, Haraway (2020a) se considera uma feminista no contexto da segunda onda do movimento. Outra forte influência em sua vida é a ficção científica, gênero que possibilita a criação de mundos e a fabulação de futuros outros. Todas essas ligações se enredam nos percursos políticos e epistemológicos traçados por Haraway (2020b, parágrafo 5, tradução nossa), que disse que: “nos tornamos grandes graças às conexões. Acredito que minhas ideias e, na medida em que posso, minha vida, são sobre gerar conexões”<sup>2</sup>. Nesse sentido, as perspectivas

- 
- 1 Trata-se de evento em formato de protesto, organizado por movimentos feministas, que visavam condições de segurança para as mulheres em espaços públicos. Para mais detalhes, indicamos a publicação da iniciativa *Women & the American Story*: <https://wams.nyhistory.org/end-of-the-twentieth-century/a-conservative-turn/take-back-the-night/>. Acesso em: 4 jul. 2024.
  - 2 No original: “Nos volvemos grandes gracias a que conectamos. Creo que mis ideas, y en la medida que puedo, mi vida, se tratan sobre generar conexiones” (Haraway, 2020b, parágrafo 5).

feministas, filiadas a questões sobre técnica e tecnologia, direcionam seu olhar aos fenômenos a partir da produção de novos “parentescos”, e situam os argumentos tecidos por ela, que atravessam diferentes campos científicos e conectam-se à história da ciência, às dimensões culturais e às críticas relacionadas ao poder-saber.

Já Paul Preciado, filósofo espanhol relevante no pensamento contemporâneo, desenvolve teorias e ideias que partem das vivências como homem trans e corpo não binário. Seu trabalho questiona as bases epistemológicas ocidentais que enclausuram discursos em redomas coloniais e modernas cujas validações indicam como os corpos devem ser e viver no mundo. Como Virginie Despentes (2020, p. 13) descreve-o, Preciado “[...] revela mundos a partir das margens, e o que tem de mais surpreendente é essa capacidade de continuar a imaginar outra coisa”. Os incômodos ao sistema sexo-político tensionam problemáticas às formas como os saberes se estruturam em regimes de normalização e normatização das vidas (Preciado, 2022b). Por isso, pelas passagens de fronteiras geográficas e do próprio corpo, Preciado consegue incomodar e subverter os saberes em dormência colonial e moderna.

Em ambas as filósofas<sup>3</sup>, notam-se possibilidades abertas, imaginativas e contribuições epistemológicas para repensar a prática científica. Nossa propósito, neste artigo, é tecer percepções e aproximações entre Donna Haraway e Paul Preciado para refletir possibilidades epistemológicas ancoradas em bases feministas e queer na pesquisa desenvolvida nas humanidades. Essa articulação é um ato de percepção das políticas de conhecimento propostas no debate filosófico, pretendendo, assim, interseccionar saberes para diferentes estudos e abordagens dos fenômenos estudados nas humanidades.

Nesse sentido, apostamos no desenvolvimento de pesquisas que consigam refletir sobre a própria ciência, o que permite a abertura de espaço para reflexões ancoradas em diferentes correntes teóricas, sendo uma delas embasada em epistemologias contra-hegemônicas e emergentes de experiências das dissidências. Escreve Martino (2023, p. 16), inspirado em bell hooks, que, “se podemos imaginar outros caminhos epistemológicos, é igualmente possível pensar, no sentido da pergunta, naqueles ainda a serem construídos”. É com esse horizonte que este artigo pretende avançar e almeja contribuir com diálogos interdisciplinares para diferentes campos científicos.

---

<sup>3</sup> Neste artigo, optamos pelo uso do feminino como forma de desestabilizar o masculino genérico presente em línguas de origem latina, como o português. Consideramos essa escolha uma estratégia para questionar as normas gramaticais.

Pelo cruzamento epistemológico de Haraway (1995, 2009, 2020a) e Preciado (2018, 2021, 2022a, 2022b), emergem incômodos, geram-se mal-estares, impossibilitam-se lugares de certezas e nos bagunçam diante de quaisquer naturalizações. São autoras que, em suma, colocam em jogo a tensão, a ambiguidade e o paradoxal face à síntese esterilizante da modernidade. Pode-se apreender que existem falhas e, a partir desse olhar epistemológico, ter percepções críticas dos limites e das possibilidades de territórios teórico-conceituais em construção. Neste artigo, as discussões caminham por duas vias paralelas: uma voltada à epistemologia da parcialidade e às propostas ciborgues de Haraway; e outra direcionada ao corpo encarnado aos saberes em Preciado. Em seguida, os caminhos se convergem para trazer em voga as humanidades e traçar diálogos possíveis para nossas práticas científicas.

## **A visão de Haraway: compromisso com a ciência pela epistemologia da parcialidade**

Crítica à ideia de objetividade da ciência, Haraway trabalha a filosofia do conhecimento como ação política comprometida com bases de partilha e diálogo (Haraway, 2020a). Esse caminho, concebido como *epistemologia da parcialidade*, carrega consigo a luta contra a objetividade centrada na fabulação de um sujeito universal mandatário do projeto

moderno que impera nas narrativas da historiografia ocidental. Trata-se de uma proposição de leitura crítica dos fenômenos e dos processos de produção de significados. O diálogo entre comunidades científicas e companheiras deve ser o meio para conseguir reconstruir significados e corpos com possibilidades de futuro (Haraway, 1995). As bases filosóficas não devem ser adotadas, portanto, como totalitárias e nem sequer relativistas, devido aos riscos e perigos que ofusciam a visão crítica.

A problemática epistemológica identificada pela filósofa diz respeito ao reducionismo científico, que mobiliza linguagens normativas para modelar todo o conhecimento na modernidade, cujos anseios atendem ao capitalismo, patriarcado e racismo. Para desestabilizar essa concepção científica cunhada por parâmetros limitadores, Haraway (1995) se vale da visão como sentido catalisador de separações entre o que vê e o que é visto. Essa cisão demarca a separação dicotômica entre sujeito e objeto, que deve ser subvertida ao contar com a visão para se ter leituras críticas e de objetividade encarnada, ou seja, objetividade instaurada justamente pelo reconhecimento da parcialidade como condição de sua produção. O poder de ver está atrelado a questões que devem ser lançadas sobre os saberes científicos: quem vê? De onde está vendo? A partir de qual perspectiva? A visão é ativa, constrói formas de

ver e projeta ângulos do quais miramos; por isso, constitui relações de poder. Ao colocar a visão no centro de uma readequação ética na produção do saber, Haraway (1995, p. 20) se distancia justamente daquilo que denomina como “truque de deus”: a performatização do conhecimento científico por meio da ficcionalização de uma onipresença neutra e distanciada por parte de seus produtores, que estariam, em teoria, em todo lugar e, ao mesmo tempo, em lugar nenhum.

O *saber localizado* ou *conhecimento situado*, conforme o entendimento da filósofa, é justamente aquele comprometido com o seu encarnamento, levando à possibilidade de instauração de um saber propriamente situado. Não se refere a qualquer pretensão científica de se projetar como universal, homogeneizador ou reducionista — armadi-lhas da modernidade que estruturaram o sistema-mundo e ordenam as apreensões científicas de forma limitante. A proposição de Haraway (1995) é justamente oposta, haja vista que só conseguimos ser objetivos se situarmos que nossas perspectivas são parciais. Ao conduzir esses movimentos, tornamo-nos responsáveis por aquilo que enxergamos, uma vez que localizamos um lugar atravessado e formado por relações de poder, a partir das quais miramos os fenômenos. Parcialidade e responsabilidade permitem questionar os dualismos que sustentam as bases patriarcais,

científicas, capitalistas, coloniais e modernas. Dualismos como homem-mulher, humano-máquina, natureza-cultura, vida-morte e tantos outros são falhos por não darem conta da heterogeneidade do mundo, desmantelam-se e precisam ser questionados incessantemente no fazer científico (Haraway, 1995).

Em uma ciência feminista cuja objetividade é encarnada e parcial, os sujeitos são apreendidos como dinâmicos e plurais. Logo, “precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de futuro” (Haraway, 1995, p. 16). Por essa característica, apostamos que o diálogo deve ser articulado com vistas a reconhecer a existência de outras perspectivas.

Aqui, vale lembrar da contribuição teórica da historiadora Joan Scott (2011), que também enuncia as condições de um futuro possível calcado naquilo que denomina de “lógica do suplemento”. Segundo Scott (2011), a História, bem como o campo do saber historiográfico, foi erigida não somente de maneira imprecisa, devido à supressão das mulheres como agentes históricos, mas brutalmente alienada quanto aos processos que possibilitaram a constituição, bem como a representação do social em que vivemos. A possibilidade da construção de novos modos de

entendimento e habitação dos saberes, fatos e imaginários sociais, desdobrados também a partir da manipulação e da performatização de um saber científico, viria apenas junto a uma reformulação de todo o campo do saber, cuja tarefa se encontra na reescrita e na readequação de suas premissas, cujo repovoamento dos sujeitos históricos se mostra indispensável a tal exercício. Assim, o suplemento seria mais que um preenchimento lacunar, mas uma total reparação epistêmica.

Ao seguir por outra face do argumento, Haraway se direciona ao “objeto”. Se, na história da ciência reducionista, o objeto é inerte e o mundo, passivo — posições que atendem às lógicas coloniais, capitalistas e patriarcais —, é necessário que tomemos o mundo como *agente*. O conhecimento situado, precisamos lembrar, é agente e ativo. Essas viradas epistemológicas encarnam o saber e bagunçam as fronteiras dicotômicas que organizam o mundo. Não somente teríamos, supostamente, controle sobre o mundo, mas também os objetos, os fenômenos e as técnicas exerçeriam controle sobre nós — seja ao nível subjetivo ou corporificado, instâncias que, na verdade, não se separam. A partir da concepção harawayniana de natureza-cultura, cujas relações históricas evidenciam a coprodução e co-constituição do mundo, somos e estamos aparentados por meio de contingências e complexidades paradoxais e multiformes.

Cabe o adendo de notabilizar o pensamento foucaultiano imbricado nas concepções de Haraway. Foucault (1998) desnuda as relações de saber e poder engendradas na constituição do corpo, separando dicotomias estanques em polos, os quais têm sempre o lado correspondente ao “outro” como alvo de coerção, ataque e pedagogização. Formam-se, portanto, tecnologias do corpo cujas configurações delimitam saber e poder, ao passo que o ideal de sujeito moderno é constituído. Haraway (2009) dá um passo adiante nessa relação. Se, para Foucault (1998), o poder é diluído e exercido no campo das microrrelações, e não concentrado em um agente ou em uma instância institucional, para Haraway, tal visão deixa de lado os atravessamentos de gênero, raça, classe e tantos outros marcadores da diferença, socialmente constituídos, que transpassam as relações, também por suas complexidades emergirem a partir das relações estabelecidas entre estes, sempre em fluxo relacional e situacional, cujos deslocamentos desembocam e instauram novos problemas e enredamentos nas práticas de saber-poder. Sem aprofundar nesses aspectos, é inevitável não ter uma visão fatalista de futuro, pois o poder estaria pairando em toda parte sem que se entenda de fato quem ou o que lhe sustenta.

Situar as relações de saber e poder aponta um movimento caro ao pensamento articulado pela filósofa: a

*criticalidade* (Haraway; Goodeve, 2015). Diferentemente de apenas criticar negativamente, esse caminho objetiva assumir um compromisso científico com a pesquisa. Não se trata de atacar o outro para encontrar a mudança e competir pela ascensão na academia, modelo rechaçado por Haraway, mas, sim, ter noção das parcialidades e perspectivas adotadas, das contradições, das ausências e dos limites que temos em qualquer investigação. Ser crítico, portanto, é muito menos massacrar, e, sim, contribuir generosamente para avanços da ciência.

Esse horizonte político e situado do argumento da filósofa tem um ponto fulcral pela ação, pela convocação das responsabilidades e pelo alerta dos riscos que corremos em regimes de violência e opressão: o *mito ciborgue* (Haraway, 2009). Ciborgue é um mito político, híbrido entre humanos e máquinas, cibernético. É uma metáfora que diagnostica os novos movimentos de “tornar-se com” (Haraway, 2008, p. 393), ou seja, de habitar e ser também habitado, cuja carne e verbo não se dissociam neste cenário de natureza-cultura. Não há um conceito fechado que signifique o ciborgue, mas, sim, as disputas que lhe formam.

[...] ele é um tópico aberto e o ciborgue está neste conjunto curioso de relacionamentos familiares com espécies-irmãs de vários tipos. É uma figuração que requer que se pense nos aspectos dos sistemas de comunicação

feitos pelo homem, a mistura do orgânico e do técnico que é inescapável nas práticas ciborguianas (Haraway; Goodeve, 2015, p. 59).

Por tais características e história que lhe forma, o ciborgue é um organismo capaz de repensar epistemologias, haja vista que surge no cenário da ficção científica e pode ser tomado para imaginar outras possibilidades e romper com fronteiras. Torna-se, nessa via, possível desconstruir essencialismos e ver que as fronteiras são ilusões óticas. “Assim, meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades — elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político” (Haraway, 2009, p. 45). O ciborgue evidencia a problematização da unidade por ser essa figura híbrida no entre-lugar. Mais ainda, por ser parcial, ele é uma perspectiva que sugere pensar mundos imaginados.

Na proposta trazida por Haraway, a tonificação das afinidades e dos laços é uma ação propositiva para dissolver a universalidade. Ao enfrentar as lógicas de dominação pela perspectiva da parcialidade, avança-se por novas e outras possibilidades políticas e epistemológicas. Na esteira desse argumento, é possível o questionamento das normas de gênero e sexualidade que atravessam e constituem saberes, ações ecoantes pelo pensamento de Preciado (Fontgaland; Cortez, 2015).

## O corpo de Preciado: filosofia política incorporada

Ao entrelaçar testemunho e formalidade acadêmica, a obra *Eu sou o monstro que vos fala*<sup>4</sup> confronta epistemologias e desloca todo o fazer científico. Neste excerto, Preciado (2022) comenta a trama que precisou tecer para desordenar discursos e políticas.

Eu, um corpo trans, um corpo não binário, a quem nem a medicina, nem o direito, nem a psicanálise, nem a psiquiatria reconhecem o direito de falar sobre minha própria condição na qualidade de especialista, ou de produzir um discurso ou uma forma de conhecimento sobre mim mesmo, aprendi, como Pedro Vermelho, a língua de Freud e de Lacan, do patriarcado colonial, a língua de todos os que estão presentes nesta sala, e a quem agora me dirijo (Preciado, 2022, p. 14).

Pela coragem de enfrentar as prescrições reiteradas por aquela plateia, que se coloca na posição da universalidade, e pela genialidade de perceber as armadilhas epistemológicas,

---

4 Originalmente publicado em francês como *Je suis un monstre qui vous parle. Rapport pour une académie de psychanalystes*, pela Éditions Grasset, a obra consiste no discurso de Preciado para 3.500 psicanalistas, em que discorre sobre como saberes da psicanálise sobre gênero invalidam vidas, como a dele, patologizam corpos e anulam falas por meio da validação discursiva por práticas científicas e institucionais. Vale ressaltar que, antes da publicação na íntegra do discurso, uma vez que Preciado foi interrompido em sua fala, circulava uma versão mais condensada pela internet.

Preciado, cujas obras têm criticalidade, aproxima leitores e oferece caminhos abertos ao diálogo, com uma indocilidade para questionar e colocar as normatividades sob o fio da navalha. O choque do filósofo diante dos psicanalistas insurge para contestar e subverter construções de saberes que se canonizaram na limitação de desvios, doenças, monstruosidades, silêncios e apagamentos. O desconforto causado pelo discurso, sendo interrompido durante a fala, é um ato de cobrança epistemológica no sentido de tensionar lógicas de poder e saber vigentes na sociedade. Ao mobilizar linguagens e conceitos de diferentes áreas científicas, destacando a interdisciplinaridade, volta-se para o debate do/com/no corpo (Preciado, 2022).

Quando desconstrói o discurso médico, psicanalítico e jurídico de controle dos corpos e reconstrói o próprio corpo, jogando com as peças disponíveis no tabuleiro normativo, Preciado evidencia a implosão de sistemas que se legitimam por estruturas de poder e saber. Por outras palavras, ele consegue insurgir com a linguagem que o opõe, recorrendo aos mecanismos discursivos para estremecer uma plateia que, frequentemente, se coloca como arauto de normalidade para atribuir anormalidades às experiências humanas. Essa ação representa uma tentativa de implosão, de ruir o sistema sexo-político de dentro para fora, com vistas a destruí-lo, evidenciando as falácia que erigiram fundamentos científicos de universalidade e parâmetros aos corpos.

Esse discurso aponta, portanto, para a apreensão de que “a epistemologia é a própria condição de um regime de representação” (Preciado, 2021, parágrafo 20). Em vista disso, uma epistemologia cisheteropatriarcal se configurou e cristalizou com dicotomias para estabelecer poder e saber. A ideia de que os ditos “normais” e “hegemônicos” não possuem uma identidade, como querem acreditar e somente designar algum tipo de demarcação para os outros, é uma falácia. “Não existe identidade mais esclerosada e mais rígida do que a sua identidade invisível. Que a sua universalidade republicana. Sua identidade leve e anônima é o privilégio da norma sexual, racial e de gênero” (Preciado, 2022a, p. 31). Trata-se de uma tentativa de distanciar de si qualquer forma de atribuição de significados, cuja finalidade seja alçar um patamar de universalidade e significar os outros na busca pela consolidação de regimes de violência.

Ao seguir além nas argumentações, Preciado (2022b) defende a liberdade do corpo em um manifesto cuja potência se dá pela *contrassexualidade*, um contraste ao sistema sexo-político estabelecido em essencialismos e atribuições a uma natureza humana. A ação contrassexual é oposta a isso, ou seja, visa desenvolver estratégias de ordem política que permitam aberturas para vidas e subjetividades livres de cristalizações de gênero, sexualidade e sexo. Ao desmantelar binarismos como homem e mulher, os corpos

passariam a ser vivos e abririam mão dos privilégios que o sistema traria para os indivíduos. Há dois pontos centrais nesse desmonte sociocultural, sendo que “[...] a sociedade contrassexual se dedica à desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero” (Preciado, 2022b, p. 33), ou seja, um dos cernes é romper com naturalizações que tentam atribuir a um corpo uma determinada correspondência de gênero, a partir da sexualização de órgãos. O segundo ponto se refere ao fato de que “[...] a sociedade contrassexual proclama a equivalência (e não a igualdade) de todos os corpos vivos-sujeitos falantes que se comprometem com os termos do contrato contrassexual dedicado à busca do prazer-saber” (Preciado, 2022b, p. 33). É importante notar que a ideia de igualdade, em certa medida, carrega consigo uma equiparação de todos os indivíduos em uma lógica de uniformidade e homogeneidade, que não reconhece necessidades, especificidades e urgências, enquanto a equivalência seria uma forma de reconhecer todos os corpos com o mesmo valor de vida.

Pela contrassexualidade, como uma *teoria do corpo*, abrir-se-iam caminhos que permitiriam debruçar nos questionamentos das transformações tecnológicas com as quais os corpos e as relações foram se ordenando na matriz cultural. “A contrassexualidade se inscreve na genealogia das análises de Monique Wittig, na pesquisa dos

dispositivos sexuais modernos conduzida por Foucault, nas análises da identidade performativa de Judith Butler e na política do ciborgue de Donna Haraway” (Preciado, 2022b, p. 36). Esse diálogo com pensadoras e pensadores que, cada uma a seu modo e tecendo uma trama de críticas para os estudos das humanidades, permitem reforçar o debate da heterossexualidade compulsória, das relações de poder, da performatividade de gênero e de uma visada que extravasa fronteiras entre identidades, corpo, orgânico e tecnológico.

Se, em um primeiro momento, a contrassexualidade aparenta ser uma utopia, isso se dá justamente pelo fato de estarmos imbuídos pela reiteração dos discursos sobre como se deve ser ou não ser, como devemos nos relacionar e comportar no mundo, quais caminhos devemos seguir em nossas vidas, os quais nos impedem de ter outras perspectivas e contraproduzir tal regime regulatório. Por esse motivo, no mundo contemporâneo, Preciado é um nome central para reflexões com/no corpo e para tecer argumentos contranormativos como alternativas aos mecanismos modernos.

Com tantas mudanças na contemporaneidade, esse regime sexo-político tende a colapsar, pois estamos em revolução, conforme salienta o filósofo. Em entrevista durante a emergência da pandemia de covid-19, Preciado (2021) observa uma transformação epistemológica em ebulação. Aqui, podemos perceber paralelos com o pensamento de

Haraway (1995), à medida que o filósofo frisa as disputas semiológicas e epistêmicas pelos processos simbólicos da linguagem. Por outras palavras, debates e embates nos significados e nos corpos com os quais estamos vivendo no mundo. Por certo, configuram-se ações que demandam responsabilidade e consciência, sobretudo pela complexidade dos antagonismos que marcam esse regime de mudanças e os perigos imbuídos.

Conforme Preciado (2021) pondera, de um lado, existe uma revolução política em efervescência implodindo patriarcado, colonialismo e capitalismo. Porém, em contrapartida, há uma contrarrevolução neopatriarcal, como a que se instaura no Brasil no presente e da qual a extrema-direita representa, por ora, a mais perfeita encarnação. Basta lembrarmos da disputa de narrativas sobre o aborto que ocorreram em 2024, na qual as fronteiras entre progressismo e conservadorismo já não se colocam de maneira tão bem delimitadas. Discussões sobre o direito ao aborto legal, afinal, não raro têm silenciado as existências trans.

## **Convergências e diálogos possíveis para pensar a pesquisa científica nas humanidades**

Na sociedade do conhecimento, a linguagem e a cultura tornaram-se meios de produção fundamentais. Dessa forma, os objetos de estudo tradicionais das humanidades,

como o ser humano, a cultura, a memória e as linguagens, permanecem essenciais para a compreensão da realidade contemporânea. Todavia, as humanidades têm sofrido com contextos de alavanca de vulnerabilidades dentro da própria universidade, onde, apesar de ser um espaço fundamental para o desenvolvimento epistemológico, a lógica da eficiência produtiva, econômica e burocrática vigora em meio ao capitalismo neoliberal e à globalização (Ribeiro, 2012). Conforme o argumento de António Sousa Ribeiro (2012, p. 118):

Deste ponto de vista, a crise das Humanidades não exprime senão a crise mais geral, dominada pela hegemonia de conceções [sic] da economia, da política e da sociedade que conhecem apenas uma razão instrumental e para as quais, por conseguinte, a interrogação autorreflexiva e a busca de sentido próprias da perspectiva das Humanidades são inteiramente irrelevantes.

Ao refletir sobre uma crise mais ampla resultante da razão instrumental, observa-se que as humanidades têm sido colonizadas por critérios restritos ao utilitarismo e ao pragmatismo, que desvalorizam a reflexão e os aspectos humanísticos. Historicamente, essa construção epistemológica, apesar de reconhecer a importância da subjetividade, permanece fortemente influenciada por tradições eurocêntricas e estruturada em dicotomias como sujeito-objeto,

natureza-cultura e mente-corpo. Além disso, é fundamental reconhecer que o contexto sociopolítico atual, marcado pela ascensão de conservadorismos e violências, exige uma tomada de posição diante dos sucessivos ataques às ciências. Esses ataques vão desde discursos que visam desqualificar a produção científica até cortes de financiamento para pesquisas, além da desvalorização de estudos que abordam temas essenciais à vida e à experiência humana, como os corpos, os marcadores sociais da diferença e as relações culturais.

Ancorar a leitura do presente ao repertório dessas filósofas é um ato de enfrentamento aos contextos de violência e uma forma de resistência diante dos recrudescimentos que buscam se tornar hegemônicos. Analisar fenômenos humanos e sociais a partir dos estudos de Haraway e Preciado nos abre caminhos para uma construção científica que rompe com cristalizações modernas — as quais insistem em binarismos e na separação entre sujeito e objeto —, propondo, ao invés disso, um olhar que privilegia relações, interações e processos. Haraway apresenta uma ciência situada e parcial cuja proposição questiona a neutralidade ilusória que forma o conhecimento. Preciado desenvolve uma filosofia radical centrada no corpo como campo de experimentação biopolítica e tecnodiscursiva. Trata-se, conjuntamente, de atos que desafiam conceitos políticos e epistemológicos, insurgindo-se contra as hierarquias

historicamente estabelecidas e abrindo-se ao diálogo que possibilite a construção de outras realidades e mundos. Esse caminho se aproxima da consideração de Ribeiro (2012) que nos sugere a saída de uma fragmentação do conhecimento como forma de dar uma guinada nas humanidades rumo a uma construção coletiva mais ampla e interdisciplinar.

Quando percebemos os trânsitos, as transformações e os avanços na ciência, é fundamental termos em vista as dimensões discursivas e simbólicas desse processo dialético. Devemos, assim, caminhar para a forma como o conhecimento é produzido e, por isso, questioná-la e situá-la. Notar que se trata de uma perspectiva situada, segundo Haraway (1995), é o que efetivamente contribui para o avanço das pesquisas científicas. Isso significa que a produção do saber deve estar ancorada em uma posição específica, ao invés de uma pretensa objetividade. Repensar a objetividade e incorporar o compromisso da parcialidade representa o deslocamento para as humanidades, que assumem dimensões indissociáveis de políticas, de afetos, das culturas e da linguagem. Isso está alinhado aos argumentos de Preciado (2018, 2020) e se torna viável no contexto das humanidades.

Preciado (2018, 2022a, 2022b) demonstra como a materialidade dos corpos é afetada por tecnologias, discursos e políticas de regulação. Dessa forma, pensar as humanidades a partir dessa perspectiva implica reconhecer que os corpos

não são somente receptores do conhecimento, mas agentes ativos na/para a sua produção. O corpo em Preciado é uma tecnologia em constante modificação, ou seja, espaço de disputa e resistência que desafia noções tradicionais de identidade e de experiência.

O pensamento de Preciado e a incorporação dos saberes à própria vida e a partir dela salienta a necessidade de posicionar o próprio corpo como tecnologia capaz de desestabilizar a fixidez. Preciado (2022a, 2022b) subverte regimes fechados de pensamento científico que abjetificam quem ele é — e tantas outras pessoas que não correspondem aos empreendimentos normativos. Reconhecer as constituições das diferenças nas humanidades avança as apreensões sobre os sujeitos e suas relações, bem como aos conhecimentos que se transformam. De tal maneira, desestabilizamos relações de poder que se estruturam na comunicação, em processos simbólicos, nas práticas sociais e nas representações.

Se a proposta do ciborgue de Haraway (1995) exprime a fusão entre humano, máquina e discursos tecnocientíficos, os corpos dissidentes, os usos de próteses e de tecnologias performativas analisadas por Preciado (2018, 2022b), que se inclui e parte a filosofia a partir da própria experiência, tensionam ainda mais essa hibridização, ao romper as fronteiras entre natural e artificial. No contexto das

humanidades, essa junção sugere que as disciplinas não devem mais ser refletidas em moldes rígidos, mas sim como campos interconectados e interdisciplinares que devem dialogar com tecnologias, ativismos, discursos de gênero e novas materialidades.

Importante lembrar a proposição de Haraway (1995) sobre a visão como o sentido que localiza de onde se mira para as coisas do mundo, com quais interesses e o que é visto. Devemos ter perspectivas que implicam o desafio de lidar com o vivo, a tensão e a interação, mas reconhecer de onde se enuncia e a parcialidade — chave central para um pensamento científico compromissado eticamente com o conhecimento. Haraway desafia, assim, a figura do pesquisador distante dos fenômenos que investiga e sugere que toda investigação é sempre parcial, interessada e comprometida. Pensar dessa forma implica reconhecer que as humanidades não podem ser concebidas em campos isolados. Ao contrário, devemos identificar os trânsitos e as intersecções entre as diferentes áreas do conhecimento científico como forma de estudar a complexidade dos fenômenos humanos. Por outro lado, abrem-se desafios epistemológicos, tal como se nota na contemporânea, haja vista que as universidades e modos de pesquisas ainda funcionam sob uma lógica rígida e disciplinar.

Ter essas proposições como parte das construções do conhecimento, permite-nos aproximar mais uma vez de Haraway, ao passo que seu pensamento filosófico se abre para atos esperançosos de desenvolvimento científico. Isso significa que ela nos impulsiona a estranhar regimes científicos canônicos e cristalizados e caminhar para o diálogo, entendendo a parcialidade como modo de repensar mundos. Tanto que a metáfora do ciborgue (Haraway, 2009) carrega perguntas que se projetam como formas de repensar futuros e vidas, assim como desejos e investidas. “Significa tanto construir quanto destruir máquinas, identidades, categorias, relações, narrativas espaciais” (Haraway, 2009, p. 99). Como um mito, não tem respostas delimitadas ou percursos fechados, o que se oporia às provocações, mas investe na transformação, o que, nas humanidades, pode ser um trunfo para o desenvolvimento científico que força a (re) pensar fenômenos vivos, em transcorrência e parte da vida.

Nos pontos em que se interseccionam, Haraway e Preciado propõem a dúvida ao que parece estável ou aparentemente cristalizado na ciência moderna. Desconfiar das certezas e lançar perguntas são ações caras para um fazer científico aberto que não negligencie a heterogeneidade, que tenha criticalidade e que não busque a restrição da universalidade. Ademais, resgatar a proposta de Preciado (2022b) é uma maneira de provocarmos como corpos falantes,

não restritos às imposições binárias e normativas, a fim de que haja reconhecimento pela equivalência. Com esse quadro epistemológico de Haraway e Preciado, formam-se perspectivas e orientações para elaboração de problemas de pesquisas e formas de construir conhecimentos. Para terminar, “o pensamento ocorre quando as coisas que funcionavam deixam de funcionar. Em momentos de decomposição, a possibilidade de outra coisa se torna mais urgente e fácil de imaginar” (Haraway, 2020b, parágrafo 26). A tarefa da pesquisa é árdua e contínua no exercício de acurar as perguntas e de estranhar aquilo que se lança como neutro, relativo ou unitário, pois, assim, desenvolvemos a tessitura conceitual, epistemológica e política.

## **Considerações finais**

Neste texto, propomos compreender como Haraway e Preciado, cada uma a seu modo de construir o pensamento científico, desenvolvem filosofias que ampliam e potencializam o debate epistemológico em direção a ciências mais abertas e acolhedoras, contrárias às dicotomias e aos binarismos, capazes de estremecer universalismos. Na história da humanidade, a separação de indivíduos e grupos em polos opostos serviu à manutenção de relações de poder e de violências contra corpos e vivências culturalmente marginalizados pelas hegemonias sociais. Nesse

sentido, nosso objetivo não foi esgotar todos os conceitos e as provocações de cada uma, tampouco a esmiuçar de forma exaustiva e totalitária, mas, a partir das articulações entre seus pensamentos, entender os limites e as parcialidades formadoras do processo científico, assim como explorar perspectivas que desafiem regimes que querem fixar no mundo um único e, muitas vezes, binário modo de interpretar os fenômenos sociais e humanos.

A contingência dos corpos, das experiências e dos discursos deve ser considerada nas humanidades. As implicações políticas e éticas nos direcionam ao questionamento da própria posição da pesquisadora e a sua relação com o objeto de estudos. Também nos exige estar implicados nos fenômenos sociais e humanos, tornando visível e compreensível o lugar da pesquisa na produção do próprio objeto estudado.

Esse caminho nos lança aos desafios da própria escrita acadêmica. Se partimos do pressuposto de que o conhecimento não é neutro e que os corpos estão implicados na pesquisa, a escrita deve refletir essa postura. Lembremos que “[...] toda pesquisa emerge de afetos, dúvidas e incômodos, sendo que os fenômenos podem nos tocar e fazer com que movimentemos em busca de caminhos, porém, por razões diversas, entre as quais a barreira da escrita acadêmica, podem ser desprezados e não reconhecidos [...]” (Vieira Filho, 2024, p. 300). Ter esse reconhecimento

como base nos abre alternativas de escritas que envolvam experimentações como parte do campo epistemológico.

Para concluir — sem, no entanto, encerrar a reflexão —, aproximar Haraway e Preciado e identificar convergências entre suas filosofias nos inspira a reconfigurar as epistemologias normativas. Por outras palavras, é questionar noções de um sujeito de conhecimento que se lança como universal e neutro; é incluir e trazer as luzes das perspectivas feministas, queer e outras, que desafiam as hegemonias, ao centro das pesquisas nas humanidades; é pensar a produção de conhecimento com o corpo e com criticalidade. Essa performatividade da pesquisadora, articulada ao processo científico, é fundamental para que as humanidades sejam éticas, assumam compromissos políticos e desafiem configurações cristalizadas que se apresentam como únicas formas de existência. As humanidades são campos de disputa e transformação, que se atualizam conforme o tempo histórico e que precisam romper com totalizações.

## Referências

- DESPENTES, Virginie. Prefácio. In: PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia.** 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- FONTGALAND, Arthur; CORTEZ, Renata. Manifesto ciborgue. In: **Enciclopédia de Antropologia.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2015. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/obra/manifesto-ciborgue>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder.** 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- HARAWAY, Donna. **Conversaciones con Donna Haraway: cómo sobrevivir en (y con) la Tierra.** [24 de abril de 2020a]. México: Terremoto. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/261215-conversaciones-con-donna-haraway-como-sobrevivir-en-y-con-la>. Acesso em: 5 ago. 2024.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Orgs.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 33-118.
- HARAWAY, Donna. **When species meet.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.br/index.php/cadernos-pagu/article/view/1000>.

unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773. Acesso em: 22 jun. 2024.

HARAWAY, Donna. “**Tornei-me feminista graças à ficção científica**”. Entrevista com Donna Haraway. [19 de fevereiro de 2020b]. Espanha: El País. Entrevista concedida a Pablo Ximénez de Sandoval. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596501-tornei-me-feminista-gracas-a-ficcao-cientifica-entrevista-com-donna-haraway>. Acesso em: 22 jun. 2024.

HARAWAY, Donna; GOODEVES, Thyrza Nichols. Fragmentos: Quanto como uma folha. Entrevista com Donna Haraway. **Revista Mediações**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 48-68, 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n1p48>. Acesso em: 22 jun. 2024.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Na cozinha das ciências: os usos do conceito de epistemologia na pesquisa em comunicação. **Galáxia**, São Paulo, v. 48, p. 1-22, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202361624>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022a.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022b.

PRECIADO, Paul B. **Regime heteronormativo e patriarcal vai colapsar com revolução em curso, diz Paul Preciado**. [16 de janeiro de 2021] São Paulo: Folha de S. Paulo. Entrevista concedida a Naná DeLuca e Úrsula Passos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/01/regime-heteronormativo-e-patriarcal-vai-colapsar-com-revolucao-em-curso-diz-paul-preciado.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2024.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RIBEIRO, António Sousa. **Humanidades**. Edições Almedina, 2012.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 65-98.

STEUP, Matthias; NETA, Ram. Epistemology. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Califórnia: Stanford University, 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/epistemology/>. Acesso em: 29 maio 2024.

VIEIRA FILHO, Maurício João. Aberturas e possibilidades da escrita acadêmica: experimentações, vivências e afetos. **Revista Debates Insubmissos**, [s. l.], v. 7, n. 25, p. 289–304, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.32359/debin2024.v7.n25.p289-304>. Acesso em: 17 mar. 2025.